

II CONGRESSO DAS COMUNIDADES DE CULTURA PORTUGUÊSA.

(Moçambique, 14-21 de julho de 1967).

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

Professor de História da Civilização Antiga e Medieval
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Uni-
versidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

Para esse Congresso — que foi a continuação do I realizado em Guimarães há dois anos, sob os auspícios da União das Comunidades de Cultura Portuguesa, entidade não oficial, que tem na sua presidência o Prof. Adriano Moreira — foram convidados e compareceram, desta Capital, os Professores Antônio Augusto Soares Amora, Celso Neves, Eduardo d'Oliveira França, Eurípedes Simões de Paula, Manuel Nunes Dias, da Universidade de São Paulo, e José Adelino da Silva d'Azevedo e Tito Lívio Ferreira da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Da delegação paulista fez parte também o deputado Cunha Bueno.

O nosso grupo de Congressistas brasileiros (cerca de 88 pessoas entre professores, intelectuais, parlamentares, jornalistas, homens de negócios, banqueiros, etc.), após uma recepção na Embaixada Portuguesa, partiu do Rio de Janeiro por volta das 20,30 horas de 7 de julho de 1967, voando num jato da TAP (Transportes Aéreos Portugueses) para a Ilha do Sal, no Arquipélago de Cabo Verde, onde fizemos baldeação para um outro, vindo de Lisboa, já que o nosso avião seguia para a Metrópole portuguesa.

ANGOLA.

Chegamos às 13 horas do dia 8, sábado, ao aeroporto "Craveiro Lopes" em São Paulo de Luanda, onde fomos recepcionados por uma Comissão integrada por autoridades locais, além de amigos e jovens estudantes.

Depois de instalados em confortáveis hotéis, como o Continental, onde estivemos hospedados, coube-nos cumprimentar o Sr. Coronel Rebocho Vaz, Governador-Geral de Angola.

Em seguida, em ônibus especiais, captamos as primeiras impressões de Luanda. Cidade das mais modernas, com cêrca de 400 mil habitantes, semeada de jardins, arranha-céus imponentes, ruas asfaltadas, tráfego movimentado, com cafés semelhantes aos nossos, além de monumentos documentando o passado histórico. Impressão maior: de um lado a marca da limpeza a satisfazer os mais exigentes, do outro a beleza das nativas com seus belos vestidos multicoloridos.

Na área Sul temos a imponente fortaleza de São Miguel e ao Norte a de São Pedro da Barra. A primeira foi transformada parcialmente em Museu. Das igrejas de Luanda, a mais interessante é a de Nazaré, que remonta ao século XVII, com belos azulejos na Capela-Mor, representando a batalha de Ambula e cenas de um naufrágio, que nos fêz presente a Candelária do Rio de Janeiro. De interesse histórico merece destaque a Igreja do Antigo Convento das Carmelitas, do último quartel do século XVII. Ainda nas direções Norte e Sul as praias de veraneio do Cacuaço e da Samba. Nos arredores desta a Península de Mussolo (1).

Angola, como se sabe, foi descoberta pelos portugueses em 1482, quando o navegante Diogo Cão reconheceu a foz do Rio Zaire, mas a 6 de maio de 1560 Paulo Dias Novais desembarcou na barra do Rio Cuanza e daí internou-se pelo sertão, chegando até Pungo Andango, sede da côrte do então Rei de Angola.

Entabuladas as negociações em fevereiro de 1575, Paulo Dias Novais retornou à Angola como seu 1.º Governador-Geral.

No século seguinte, os holandeses, aproveitando a circunstância de estar Portugal submetido à Corôa da Espanha, atacaram as fortalezas da costa de Angola, chegando a ocupar São Paulo de Luanda. Interesses precipuamente econômicos os trouxeram à Bahia e Pernambuco, numa luta que durou vários anos e que vem sendo abordada, sólidamente, por historiadores credenciados. Lá também em Angola houve, de 1641 a 1648, tenaz resistência dos portugueses, vitoriosos graças à decisiva intervenção de uma esquadra de 15 navios, ida do Brasil sob o comando de Salvador Correia de Sá e Benevides. Pode-se argumentar que essa foi a 1.ª Força Expedicionária Brasileira, pois era, ao que se sabe, integrada por colonos radicados ou nascidos no Brasil e por índios frecheiros. A 2.ª,

(1). — Cf. *Angola. Anuário Turístico*. N.º 2. Edição da Editorial de Publicações Turísticas. Lisboa. 1966.

ou melhor a última, foi a que interviu na Campanha da Itália, de 1944 a 1945 e da qual tivemos a honra de participar.

Retornemos ao passado histórico de Angola, cujas fortalezas passaram a ser balisadas com mais eficácia depois da expulsão dos holandeses. Cuidou-se do litoral, enquanto o interior permaneceu desconhecido. Só no século XIX com Silva Pôrto, Serpa Pinto, Cabela e Ivens é que se processou o reconhecimento do sertão.

*

De acôrdo com o programa, nessa mesma noite de 8 de julho, houve a recepção oferecida pelo Banco de Crédito Comercial e Industrial e realizada no Restaurante do Clube Naval. Foi a primeira oportunidade que tivemos de dialogar com brasileiros lá residentes, dentre os quais destacamos vários Irmãos Maristas nascidos no Rio Grande do Sul.

No dia seguinte, domingo, 9 de julho, logo pela manhã, partimos de ônibus, primeiramente para Massangano e em seguida para Cambambe. Em Massangano visitamos as ruínas do velho forte fundado por Paulo Dias Novais em 1582, marco autêntico da civilização portuguesa em pleno sertão angolano. Informou-se que esse "alojamento" de Massangano foi a base da expansão portuguesa que se arradiou no século XVII para o interior, atingindo Cambambe, Muxima, Ambaca, Pungo-Andongo, Libolo, Golungo Alto, Cassange, etc.

Quando do ataque holandês, os portugueses se concentraram em Massangano — transformada em Capital — e aí opuseram ao invasor heróica resistência. Não se renderam e nem abandonaram a sua conquista, daí o seu epíteto heróico.

Após a visita ao forte de Massangano e à sua igreja, restaurada em 1940 — e aliás, justifica-se acentuar: muito semelhante a muitas existentes nas nossas antigas vilas de marinha, como por exemplo a Igreja de São João Batista de Cananéia — visitamos o túmulo onde se supõe esteja sepultado Paulo Dias Novais, o 1.º Governador-Geral de Angola.

Na mesma arrancada rumamos para a barragem de Cambambe, que reprezou o Rio Cuanza. Foi-nos mostrada, não somente a represa, como também duas turbinas funcionando em longos túneis escavados no coração das rochas. Isso está ligado ao plano de expansão industrial dessa região de Angola, já em fase de execução.

Do calendário do dia 10, segunda-feira, constava uma visita à Península de Mussolo e a algumas ilhas, mas nós, os professores paulistas, preferimos visitar o mercado indígena, onde poderíamos

sentir a pulsação econômica da cidade. Depois, fomos visitar o Centro de informações científicas, em organização, e em seguida o bem equipado Museu de Angola, com exemplares tanto faunísticos, como do artesanato local. Foi providencial para nós historiadores esse primeiro contacto com a repartição dos Arquivos Históricos de Angola, instalada no mesmo prédio e cujo acervo de documentos exigiria uma disponibilidade de tempo que não possuímos. Retornamos um tanto pesarosos, principalmente o Prof. Manuel Nunes Dias, pois tínhamos de nos preparar para a recepção que nos foi oferecida logo à noite pelo Consulado do Brasil.

Na manhã do dia 11, visitamos a Fazenda Tentativa, onde percorremos uma moderna usina de açúcar e onde há instalações para a extração do óleo de palma.

O dia seguinte foi reservado para uma excursão à Zona Industrial, que está em plena expansão. À tarde houve uma outra recepção a nós oferecida pelo Sr. Governador-Geral, Coronel Rebocho Vaz, no palácio residencial.

Na manhã seguinte, dia 13, terça-feira, partimos num avião a jato da TAP rumo à cidade da Beira, em Moçambique.

*
* *
*

MOÇAMBIQUE.

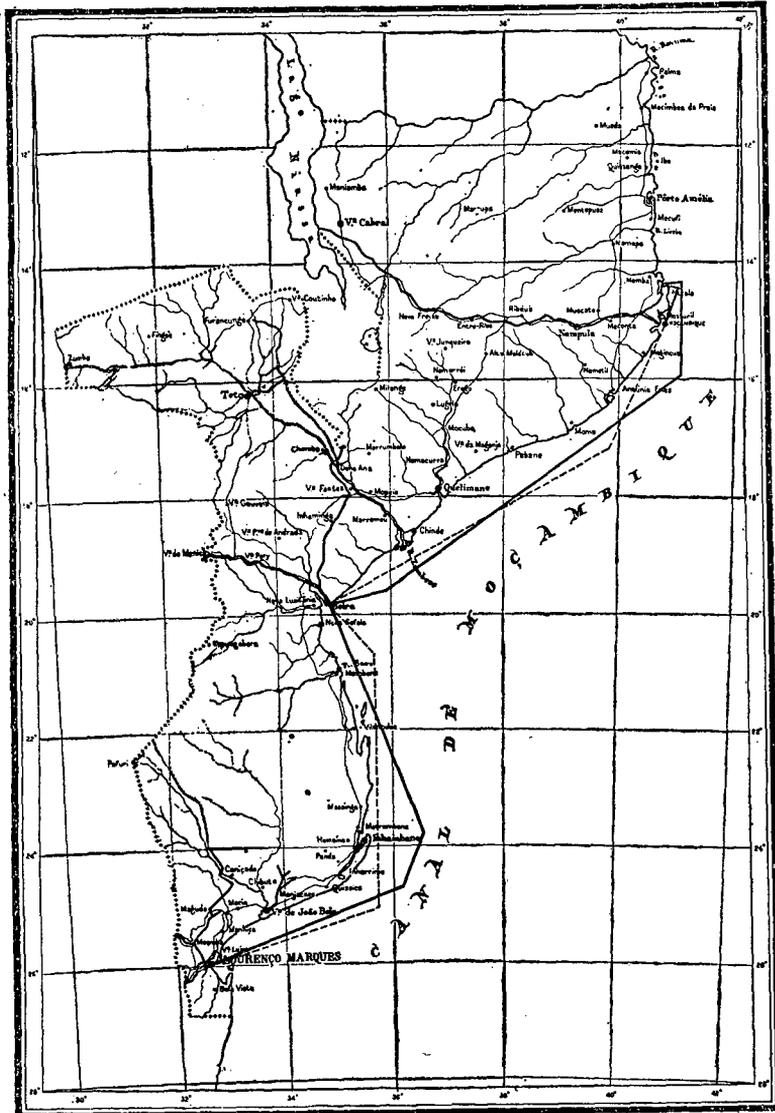
Chegamos ao aeroporto da Beira e daí fizemos baldeação para aviões a jato menores (da DETA), pois o aeroporto de Lourenço Marques não possui ainda pistas para os grandes aviões a jato. Embarcamos em grandes ônibus e seguimos para bordo do transatlântico “Príncipe Perfeito”, onde devidamente instalado, ia realizar-se o chamado, com propriedade, de “Congresso Flutuante”, cuja primeira etapa foi, no dia seguinte, pela manhã, a apresentação dos Congressistas ao Governador-Geral de Moçambique.

Às 11,00 horas teve início a Sessão Solene de Instalação do Congresso no Salão Nobre da Câmara Municipal de Lourenço Marques, em cuja entrada as Bandeiras Portuguesas pareciam saudar os Congressistas.

Justifica-se lembrar que Moçambique tem uma população de cerca de 6.000.000 de habitantes, espalhados num território que vai da Ponta do Ouro às margens do Rovuna e das praias do mar às do Lago Niasã e às fronteiras do Zumbo (2).

(2). — Vide Spence (C. F.). — *Moçambique (East African Province of Portugal)*. Cape Town. Howard Timmins. 1963. 147 pp. e Marjay (Frederic P.) e Habsburg (Otto von). — *Mozambique*. Lisboa. Livraria Bertrand Ltda. 1963. XLIV pp., 104 planchas.

ROTA
DO
"PRÍNCIPE PERFEITO"
NO
II CONGRESSO
DAS
COMUNIDADES
DE
CULTURA
PORTUGUESA



VIAGEM DE IDA
VIAGEM DE VOLTA

No passado, Moçambique era apenas o nome de uma pequena ilha ao Norte, precisamente onde chegou Vasco da Gama a 22 de março de 1498, rumo às Índias. Essa ilha foi a Capital da província até 1898.

Hoje, Lourenço Marques, com cerca de 300.000 habitantes está muito distante do núcleo instalado pelos navegantes portugueses na alvorada da epopéia indiana. A Baía de Lourenço Marques (então chamada do Espírito Santo) aparece mencionada, ao que se sabe, pela primeira vez no famoso planisfério português datado de 1502, que o genovês Alberto Cantino levou secretamente de Lisboa para Gênova, como presente de Natal ao Duque de Ferrara, Hércules I.

Posteriormente, em 1544, coube a um português, piloto das naus das Índias, de nome Lourenço Marques, processar oficialmente o reconhecimento da região que hoje lhe perpetua o nome. Consta que a baía era visitada uma vez por ano por uma embarcação portuguesa que João de Sepúlveda, Capitão de Sofala e Moçambique, mandava carregada de fazendas, para a permuta de marfim com os nativos. Consta ainda que os naufragos da costa da Cafraria e do Natal sempre procuravam atingir Lourenço Marques, de onde, eventualmente, seriam repatriados. Parece ponto pacífico haver sido o mais famoso episódio relacionado com esse fato, e imortalizado nos *Lusíadas*, o desastroso naufrágio de D. Manuel de Sepúlveda juntamente com a sua desgraçada família.

Tentativas de ocupação sucederam-se: os holandeses em 1721, seguidos dos ingleses e, até mesmo de austríacos que, em 1777 tentaram assenhorear-se dela. A expulsão desses estrangeiros coube a Joaquim Vicente Godinho de Mira, precisamente a 1 de abril de 1781. No ano seguinte, lá desembarcou o 1.º Governador de Lourenço Marques, Joaquim de Araújo que, dentre outras realizações, fundou o Presídio que lhe guarda o nome. Esse estabelecimento foi arrasado pelos corsários franceses que a partir de 1796 infestavam a região, merecendo destaque o célebre Robert Surcouf. Somente três anos depois dessas escaramuças, Portugal conseguiu restabelecer a sua soberania na região. Mesmo assim temporariamente, pois em 1822 um outro intruso, William F. Owen, da Marinha Real Britânica, a pretexto de fazer um levantamento cartográfico, entrou em negociações com os régulos de Maputo e Catembe, tentando obter, em nome de Jorge IV, um tratado que desse à Inglaterra a soberania da região. O fracasso não desanimou os ingleses, que renovaram a tentativa por volta de 1861. Esse e outros incidentes levaram Portugal e Inglaterra a submeter a questão à arbitragem do então Presidente da França, Marechal Mac Mahon que, por sentença de 24 de

julho de 1872 deu ganho de causa aos portugueses. Assim que foi solucionada a crise, a partir de 1 de dezembro de 1898, Lourenço Marques passou à Capital da Província.

Quanto à origem da cidade da Beira, que visitamos por duas vezes (dias 16 e 22 de julho), sabe-se que ela surgiu da ordem de ereção de uma fortaleza d'El Rei D. Manuel a D. Francisco de Almeida, 1.º Vice-Rei da Índia. Nasceu a cidade precisamente em Sofala, pôsto avançado dos chirazi de Quiloa que vinham migrando para o Sul em virtude da pressão dos Sultanatos de Osmam e Mascate. Os chirazi, como se sabe, de origem persa e, apesar de muçulmanos, eram fortes concorrentes dos árabes no comércio do ouro com as populações do interior.

Em 1505 Pero da Nhaya fêz a sua entrada e conseguiu do xequê Yusuf licença para edificar uma tranqueira. Em fevereiro de 1506 Yusuf, instigado pelos árabes, que se sentiam prejudicados no seu comércio, assaltou a fortificação. Yusuf morreu na refrega e Pero da Nhaya faleceu logo a seguir em virtude dos ferimentos recebidos em combate. A história dessas escaramuças, girando em torno da fortaleza de São Caetano de Sofala e tendo por mira o controle do comércio do ouro do Monomopata, foi abordada pelo nosso colega, Prof. Manuel Nunes Dias, em erudito trabalho (3).

Fechando o parêntese, lembramos que no dia 19 de julho tocamos em Nacala, pôrto em fase de equipamento, situado entre a Ilha de Moçambique e Pôrto Amélia

No dia seguinte, ao desembarcar na Ilha de Moçambique tivemos a impressão de mergulhar no passado. Recepcionou-nos uma população nativa, com seus trajes regionais e sua alegria contagiante. Essa ilha, de cêrca de 2.500 metros de comprimento, identificada por rochas de coral, poderia ser considerada, com justiça, como um monumento nacional. Evoquemos apenas dois nomes exponenciais: Vasco da Gama, que foi o primeiro navegante português que aí chegou em março de 1498, e Luís de Camões, que cantou nos *Lusíadas* as peripécias da estadia de Vasco da Gama em Moçambique e onde êle próprio estacionou por algum tempo.

Posteriormente, a rota para a Índia fêz da ilha um ponto obrigatório de escala. A fim de policiá-lo, João da Nova, fidalgo gallego a serviço de Portugal, tomou a 1 de agosto de 1502 providências para sua efetiva ocupação que começou com as bases de uma feitoria protegida por pequena fortificação: o forte de São Gabriel,

(3). — Cf. Dias (Manuel Nunes). — *O Capitalismo monárquico português (1415-1549). Contribuição para o estudo das origens do capitalismo moderno.* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra. 1963-1964. 2 volumes. XVIII + 633 + 470 pp.

no local onde está hoje a grande fortaleza de São Sebastião. Esse embrião gerou uma aglomeração européia, cuja vitalidade chegou a impressionar o erudito D. João de Castro, que por lá passou em 1544 rumo a Goa. Como resultado imediato das suas preocupações novas fortificações foram erigidas. A crônica da Ilha registra, em 1570, a passagem da expedição de D. Francisco de Rui Barreto em ação punitiva contra o régulo do Monomotapa que mandara assassinar o missionário português Padre Gonçalo da Silveira.

Outra fortaleza famosa é a de São Sebastião de Moçambique, construída — segundo consta, de acôrdo com o projeto de Miguel de Arruda, que Fernão de Sousa e Távora trouxe de Goa — a partir de 1558, durante o vice-reinado de D. Constantino de Bragança, com pedras lavradas levadas de lastro nas caravelas e naus que trafegavam de Lisboa para a Índia. Quanto ao nome não há dúvida de significar êle uma homenagem ao infeliz Rei D. Sebastião.

Além dos ataques do Imane de Mascate, a fortaleza resistiu a dois cêrcos famosos, um em 1607 e outro em 1608. O segundo ataque, mais violento, partiu de uma grande esquadra holandesa que visava apossar-se da rota das Índias. A fortaleza conseguiu manter-se invicta com poucos homens, galvanizados pela férrea vontade de D. Estêvão de Ataíde. A povoação foi arrasada, mas a fortaleza não se rendeu.

Datas oficiais informam que a povoação foi elevada à vila, com Senado da Câmara e seus privilégios, em 9 de maio de 1761 e à cidade em 17 de fevereiro de 1816. Como monumentos históricos importantes destacamos os prédios da Alfândega (do século XVIII), o Palácio São Paulo, com sua torre sineira (século XVII), os Paços do Concelho (século XVII) e a Igreja da Misericórdia. Vinculam-se à Ilha nomes dos mais expressivos da História de Portugal: Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, São Francisco Xavier, Camões e Pedro Álvares Cabral.

*

Oportunidade inexcédível de emoção tivemos na visita que fizemos, precisamente no dia 17 de julho, ao célebre Parque de Gorongosa, considerado um santuário de caça, mencionado em tôdas as grandes agências de turismo do mundo. Esse parque, situado a cêrca de 155 quilômetros da cidade da Beira, é um dos mais famosos e, talvez, o maior do mundo, pois tem uma área de mais de 6.000 km². Corta-o uma rêde de "picadas" que permitiram aos Congressistas, instalados em micro-ônibus, deparar com os mais variados quadros paisagísticos, marcados por florestas, imensas planícies, lagoas, savanas

e até um curso d'água, o Rio Urema. Nesse local vimos grandes manadas de zebras, dos incríveis bois-cavalos — animais semelhantes a cavalos, porém, com chifres (4) — cobus de crescente, impalas, búfalos, leões e elefantes. Nas planícies, à beira d'gua, uma infinita variedade de pássaros aquáticos, como: patos, pelicanos, cegonhas, flamingos, narcejas, etc. No Rio Urema e nas lagoas adjacentes, centenas de hipopótamos e crocodilos. Foi uma experiência única, que documentamos com *slides* e filmes coloridos, a fim de proporcionar àquêles que lá não estiveram, a visão da vida d'esses animais no seu *habitat*, um autêntico Museu de História Natural.

*

* * *

O CONGRESSO.

O Congresso, instalado a bordo do “Príncipe Perfeito”, estruturou-se em seis secções diferentes que funcionaram simultaneamente (5). Esquemáticamente eram as seguintes:

1. — Convergência étnico-cultural.
2. — Relações luso-brasileiras.
3. — Ciência e educação.
4. — África-Oriente.
5. — Europa-América.
6. — Problemas do livro português.

Optamos por seguir a primeira, da qual foi relator o conhecido sociólogo Gilberto Freyre.

Dada a premência do tempo, não nos foi possível preparar uma comunicação, fato que não nos impediu de participar ativamente dos

(4). — Entre os antílopes devem ser incluídos também os *gnus* ou *niumbos*, que os portugueses chamam de bois-cavalos. São animais estranhos, que pela sua crina e cauda lembram o cavalo, pelas patas o cervo e pelo chifre o búfalo ou o touro almiscarado. A espécie tipo do gênero, o *gnu* propriamente dito, ou de cauda branca (*connochaetes gnus*) vive no Sul da África. O mesmo acontece com o *gnu azul* ou *kokong*, que não é propriamente azul, mas sim de uma cor acinzentada, enquanto que o *gnu de barba branca* (*connochaetes albojubatus*) vive na África Oriental.

Todos eles mereciam ser considerados como antílopes. Quando estão tranqüilos pastam com os cavalos. Associam-se também às zebras e búfalos. Cf. *Historia natural. Vida de los animales, de las plantas y de la Tierra*. Tomo I. *Zoologia*. Publ. del Instituto Gallach de Librería y Edición. Barcelona. 3.a edição. Difusão científica do Prof. Angel Cabrera.

(5). — Durante a realização do Congresso foi recebida, com emoção, a notícia do falecimento do Presidente Castelo Branco. Foi rezada uma missa por intenção de sua alma pelo Padre Nobre, deputado federal pelo MDB, com o comparecimento de quase todos os Congressistas.

debates que, segundo consta, deverão ser publicados, juntamente com as conferências nos *Anais* dêsse II Congresso das Comunidades de Cultura Portuguêsa. Do grupo da nossa Universidade, o Prof. Manuel Nunes Dias, regente da Cadeira de História da Civilização Americana, apresentou uma comunicação intitulada: "A colonização da Amazônia" que, tanto pelo alto nível, como pela oportunidade do problema, honra não sòmente o seu erudito expositor, como também o próprio Congresso no qual, incontestavelmente, êle teve uma atuação muito marcante.

Cumriu-se o seguinte programa:

Dia 13 de julho.

Instalação dos Congressistas a bordo do "Príncipe Perfeito".

Dia 14 de julho.

9,00 horas. — Cumprimentos no Govêrno Geral.
11,00 horas. — Sessão inaugural na Câmara Municipal de Lourenço Marques.
20,00 horas. — Recepção na Residência do Govêrno-Geral de Moçambique.

Dia 15 de julho.

7,00 horas. — Partida de Lourenço Marques do "Príncipe Perfeito".
9,30 horas. — Reunião Plenária e instalação das Secções.
15,00 horas. — Sessões de trabalho nas Secções.

Dia 16 de julho.

8,30 horas. — Missa a bordo do "Príncipe Perfeito".
9,30 horas. — Sessões de trabalhos nas Secções.
12,00 horas. — Chegada à Beira.
15,00 horas. — Visita ao pôrto e cidade da Beira.
18,00 horas. — Recepção pelo Govêrno do Distrito.
22,00 horas. — Festa a bordo do "Príncipe Perfeito".

Dia 17 de julho.

6,00 horas. — Excursão à Gorongosa.

Dia 18 de julho.

12,00 horas. — Partida da Beira.
15,00 horas. — Sessões de trabalho nas Secções.
21,30 horas. — Arraial português.

Dia 19 de julho.

9,30 horas. — Sessões de trabalho nas Secções.
15,00 horas. — Chegada a Nacala do "Príncipe Perfeito".

16,00 horas. — Visita a Nacala. Recepção na Companhia de Cimentos de Moçambique.

21,30 horas. — Passagem de filmes sobre o Ultramar Português.

Dia 20 de julho.

4,00 horas. — Partida do “Príncipe Perfeito” de Nacala.

9,00 horas. — Chegada à Ilha de Moçambique.

9,30 horas. — Sessões de trabalho nas Secções.

15,00 horas. — Sessão solene na Fortaleza de São Sebastião.

23,25 horas. — Fogos de artifício.

Dia 21 de julho.

4,00 horas. — Partida da Ilha de Moçambique.

9,30 horas. — Sessões de trabalho nas Secções.

15,30 horas. — Sessão Plenária de encerramento.

21,00 horas. — Jantar oferecido pelo Presidente do Congresso.

Dia 22 de julho.

5,00 horas. — Chegada à Beira.

9,30 horas. — Desembarque na Beira.

16,00 horas. — Partida do “Príncipe Perfeito” para Lourenço Marques.

18,30 horas. — Partida de Moçambique para os Congressistas que seguiram no avião da TAP para Lisboa.

*

Chegamos nesse mesmo dia 22 a Luanda e à noite tomamos o avião para Lisboa, onde aterrissamos a 23. Em Portugal permanecemos até o dia 26, tendo tido a oportunidade de visitar Alcobaça, Fátima, Batalha, Tomar e Santarém, onde está sepultado o descobridor histórico do Brasil, Pedro Álvares Cabral.

Retornamos dia 26 de julho e no dia seguinte o nosso avião aterrissou no Aeroporto Internacional do Galeão.

*

* *

Julgamos desnecessário sintetizar tanto as emoções deste primeiro contacto com as chamadas Províncias Portuguesas da África

— cujo parentesco é uma constante na nossa História e cuja vitalidade tanto nos impressionou nesta fase de transição que sacode todo o continente africano — como as aberturas facultadas pelos diálogos travados a bordo com Congressistas das mais longínquias procedências, mas irmanados pela mesma língua, envolvidos todos na hospitalidade que individualiza o autêntico Portugal dos nossos ancestrais. Por isso é que formamos ao lado daqueles que reivindicaram para a nossa terra a possibilidade de abrigar o III Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa a realizar-se em 1969.